

# O LUGAR E O BAIRRO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: REFLETINDO SOBRE SITUAÇÕES DE ENSINO EM UMA ESCOLA DA PERIFERIA DE UBERLÂNDIA-MG

Celma Soares da Mota Duarte\*

## RESUMO

O presente trabalho é um estudo de caso e pretende avaliar o desenvolvimento de pesquisa realizada com os alunos das séries iniciais do ensino fundamental, a partir do estudo do lugar onde vivem, o bairro Morumbi em Uberlândia. A visão crítica do processo de segregação espacial permeou grande parte deste estudo e possibilitou aos alunos a compreensão dos processos que resultam em situações de desigualdade social presentes em seu contexto geográfico mais próximo (o seu bairro). No decorrer dos estudos, foram enfocados alguns exemplos de trabalhos práticos realizados com alunos de uma turma do quinto ano do ensino fundamental; partindo da análise de imagens do lugar para observações e comparações, visando construir conhecimentos sobre seu contexto social. Os trabalhos realizados - observação de fotografias do bairro numa perspectiva cronológica, produção de reflexões escritas, observação de imagens de satélite, trabalho de campo no entorno da escola, produção de croquis; visaram auxiliar os estudantes na leitura e escrita em geografia, compreendendo esta disciplina como um meio que oportuniza a compreensão das ações e da transformação do espaço geográfico.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia. Séries iniciais. Lugar. Transformação social.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo pretende compreender as estratégias de produção do conhecimento em geografia escolar e refletir sobre atividades de ensino realizadas com alunos de uma turma do quinto ano das séries iniciais da Escola Municipal Hilda Leão Carneiro, a partir do estudo do bairro Morumbi (Uberlândia-MG) e do entorno da escola.

Trata-se de um estudo sobre o conhecer de alunos do 5º ano, seus saberes e sua percepção sobre o lugar onde vivem. Tomou-se como foco de estudo e como tema de ensino o bairro onde residem por ser este o espaço de referência básica da vida desses alunos, ou seja,

---

\* Especialista em Ensino de Geografia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora de Geografia do ensino fundamental na Escola Municipal Hilda Leão Carneiro, Uberlândia-MG. E-mail: celmasoaresmota@yahoo.com.br

o bairro como lugar e *lócus* de sua vida cotidiana. Ao centrar o estudo na escala do bairro e referenciá-lo como lugar onde se vive, cremos ser possível estabelecer as bases para a compreensão de aspectos significativos no processo de ensino/aprendizagem da geografia escolar.

Uma das recomendações para a realização dessa pesquisa é a de considerar o cotidiano, o espaço dos sujeitos envolvidos no processo de ensino, para que o aprendizado da geografia estabeleça uma relação concreta de sentido na vida desses indivíduos.

Se trabalharmos a partir de situações e lugares próximos aos alunos e explicarmos a lógica que ordena a organização desses espaços, então os educandos poderão acompanhar os processos de mudanças que se operam no seu entorno, porque tiveram a oportunidade de, em sala de aula, estabelecer a analogia entre o ambiente anterior e aquele que se estabeleceu após a sua interferência como cidadão ativo, porque contribuímos com algumas ferramentas que lhes possibilitaram a aquisição de conhecimentos que potencialmente proporcionam sua ação efetiva. E por esta razão, nossos alunos serão capazes de relacionar suas experiências vividas nas aulas com o seu cotidiano: reconhecer o sentido entre escola – bairro – vida – cidade (e também relações inversas). A este aluno será possível trazer para a sala de aula sua vivência fora dos muros da escola. Tal como afirma Helena Callai,

A observação e a análise dos espaços construídos encaminha para compreender como a materialização/concretização das relações sociais configuram um lugar, bem como este coloca limitações ou possibilidades à sociedade. Portanto a contribuição da geografia no nível inicial do ensino, no qual a criança passa pelo processo de alfabetização, não se dá como acessória, mas como um componente significativo (assim como as demais áreas). Ao ler o espaço, a criança estará lendo a sua própria história, representada concretamente pelo que resulta das forças sociais e, particularmente, pela vivência de seus antepassados e dos grupos com os quais convive atualmente (CALLAI, 2005, p.237).

Para se estabelecer a concretização das relações sociais e motivar nossos alunos a se formarem sujeitos sociais conscientes, é fundamental que exerçamos com eles a prática da escrita e da leitura não só de textos escritos, mas também a leitura do mundo e da vida; porque ler o espaço é compreender que as paisagens que vemos são resultados da vida em sociedade, da luta dos homens na busca pela transformação desse espaço e consequente transformação de si mesmo.

O conhecimento geográfico abre ao jovem a possibilidade de pensar o homem por inteiro em sua dimensão humana e social, aberto ao imprevisto, aberto ao novo com força ou poder para resistir e intervir na realidade da qual é participante (PCNs, 1997, *apud* PEZZATO; PRADO, 2005, p. 41).

Por esta razão e por acreditar que a geografia pode figurar como elemento fundamental na formação do indivíduo e em seu contexto físico e social, optamos por propor o estudo da geografia nas séries iniciais exatamente porque seu papel na vida destas crianças é ajudá-las a aprender a pensar o seu espaço. E este processo se inicia na vida do indivíduo desde a mais tenra idade, logo que a criança se percebe no seu entorno e reconhece a presença das pessoas com quem convive e do ambiente à sua volta. Enfatizando todas estas ideias, acreditamos que o aluno aprenda a olhar criticamente, observar mais atentamente, descrever a partir do seu ponto de vista e registrar com mais detalhes o contexto social constituído pelo lugar onde vive. Assim os alunos estarão lendo e fazendo sua própria história.

## 2 CONTEXTO DA PESQUISA

### 2.1 Caracterização

O lugar e o bairro no ensino de geografia foi o tema escolhido para desenvolver a pesquisa que embasou nossa monografia de especialização em “Geografia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental”, realizada entre 2010 e 2011 no Instituto de Geografia da UFU, que defende a ideia de que é possível a promoção do indivíduo a partir do estudo e conhecimento do seu espaço, o qual traduz a identidade do lugar e a sua própria identidade. Conhecimento este propiciado pelo estudo da geografia, porque através dela o aluno pode entender melhor o mundo, a sociedade onde vive, quer seja – o seu bairro, a sua cidade ou mesmo o mundo todo.

Se o aluno entender o espaço que ele habita, isto é uma forma de entender o seu mundo, o seu cotidiano, e as pessoas que ali habitam. O espaço são “pegadas” registros, “fosseis” que cada pessoa/sociedade deixa ao longo de sua vida. [...]

Estar alfabetizado em geografia significa relacionar espaço com natureza, espaço com sociedade, isto é, perceber os aspectos econômicos, políticos e culturais, entre outros, do mundo em que vivemos. Ler e escrever em geografia é ler o mundo de maneira que o aluno saiba situar-se (e não só localizar-se e descrever) e posicionar-se. Que assuma um posicionamento crítico com relação às

desigualdades sócioespaciais. Ler e escrever a geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço (KAERCHER, 2004, p. 82-83).

Para o desenvolvimento da pesquisa, aproveitamos materiais que já possuíamos, algumas fotos antigas do bairro Morumbi (onde se localiza a escola), juntamente com fotos atuais, para que os alunos pudessem se familiarizar com seu espaço de vivência e possibilitar-lhes a compreensão das transformações do bairro, comparando com as fotos recentes feitas nos mesmos lugares fotografados anteriormente. A proposta é que estes alunos possam, a partir da análise dos dois tempos, comparar o lugar “antes” e “agora”, compreendendo os processos de transformação do espaço. Nas palavras de Callai,

O importante é poder trabalhar, no momento da alfabetização, com a capacidade de ler o espaço, com o saber ler a aparência das paisagens e desenvolver a capacidade de ler os significados que elas expressam. Um lugar é sempre cheio de história e expressa/mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza (CALLAI, 2005, p. 234).

Pensando em aproveitar o material já existente, e tentando ajudar os alunos a pensar o seu lugar de vivência, utilizamos as fotografias para demonstrar o papel da geografia neste processo de transformação física e social. A análise do objeto de estudo direcionou-me para a escolha do bairro como o “lugar melhor conhecido”, por se tratar do ambiente de vivência dos alunos, do espaço que conhecem, espaço que lhes é familiar.

É preciso reconhecer, no entanto, que a categoria lugar, na ciência geográfica, possui diferentes significados. Lido durante muito tempo apenas como “localização”, mais tarde, e com a aproximação da ciência e do ensino com uma postura dita humanista, o lugar passa a ser reconhecido como o “espaço vivido”, valorizado pelo indivíduo. Nas vertentes críticas, o lugar é por vezes reconhecido como espaço das solidariedades e da resistência, e mais recentemente também é alvo de uma discussão que inclui a dimensão escalar dos fenômenos (articulações entre local e global).

Creemos que partir da percepção do lugar, do estudo e análise do espaço de “intimidade”, como o entorno da escola, por exemplo, ou as ruas do bairro onde mora, para alcançar o domínio de escalas mais amplas, permite o conhecimento, pelos alunos, ao mesmo tempo do lugar e do posicionamento sócio-cultural e político dos cidadãos no lugar. A própria orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Geografia seguem tais preceitos:

Cada vez mais o espaço geográfico se produz em uma articulação entre o local e o mundial, pois no mundo contemporâneo a reprodução das relações sociais não se explica por transformações endógenas nos limites da localidade ou do país, as influências externas necessitam ser compreendidas para explicar o que acontece no local. [...] É preciso que o professor junto com seus alunos observem e reflitam sobre o espaço vivido e descubram as representações que os indivíduos inseridos nos diferentes grupos sociais têm sobre o espaço de vida percebido (PCNs, 1997, *apud* PEZATTO; PRADO, 2004, p. 41).

É fundamental que o espaço vivido pelos alunos continue sendo ponto de partida dos estudos [...] e que esse estudo permita compreender como o local, o regional e o global relacionam-se nesse espaço (PCNs, 1997, *apud* PEZATTO; PRADO, 2004, p. 48-49).

## 2.2 A escola

O trabalho que deu mote a este texto foi desenvolvido na Escola Municipal Hilda Leão Carneiro, localizada no bairro Morumbi na zona leste da cidade de Uberlândia, em Minas Gerais,

entidade pública, que pertence à Rede Municipal de Ensino e ministra o Ensino Fundamental conforme disposição da Lei 5.692/71, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 7.044/82 e a Lei de Diretrizes Básicas nº. 9.394/96 de 20/12/96.

A unidade escolar foi criada pela Lei Municipal nº. 5.899 de 17/12/93 e recebeu o nome de Escola Municipal do Bairro Santa Mônica II, uma vez que o bairro (atual Morumbi) fora construído em 1991 com o nome de Conjunto Santa Mônica II.

Quando de sua criação a Escola funcionava em um outro pequeno prédio, oferecendo apenas o Ensino Fundamental de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries. Com o crescimento do bairro e das necessidades dos moradores, o Parecer nº. 187/95 MG de 13/03/95 instituiu-se o Ensino Fundamental de 1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries e o Curso Regular de Suplência de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries. Neste ano inaugurou-se o prédio onde, atualmente, funcionam as atividades desta unidade. Apenas em 11/04/97 com a Portaria nº. 670/97 altera oficialmente o nome da escola para Escola Municipal Hilda Leão Carneiro.

A partir de então a Escola desenvolve vários projetos, entre eles o Projeto “Educação Pelas Diferenças” de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries sob o Parecer nº. 1.076 de 17/10/97 e o Projeto “Ensino Compacto” hoje EJA – Ensino para Jovens e Adultos de 1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries sob o Decreto Municipal nº. 7.721 de 20/11/98 (ESCOLA MUNICIPAL HILDA LEÃO CARNEIRO, 2009).

A Escola Municipal Hilda Leão Carneiro funciona em três turnos - manhã, tarde e noite; com 1.800 alunos atendidos desde o primeiro ao nono ano do ensino fundamental e

conta com uma equipe de 150 profissionais. Atuo como professora de Geografia nesta escola para alunos dos sextos e oitavos anos. No entanto, os alunos com quem desenvolvemos as atividades que originaram a pesquisa no curso de Especialização, são os do quinto ano do ensino fundamental (ano letivo de 2010).

### **2.3 Apresentação do bairro**

O Bairro Morumbi está localizado na Zona Leste de Uberlândia, a 11 km do centro. Sua população em 2000 era estimada em 16.161 habitantes, segundo dados da prefeitura, e possui área de 3,85 km<sup>2</sup> (PMU, 2010). Conta com serviços parciais de saneamento básico e com uma infraestrutura social que tenta atender às necessidades dos seus moradores, oferecendo-lhes serviços públicos como postos de saúde, uma Unidade de Atendimento Integrado, Posto de Saúde da Família, entre outros.

No que se refere à educação, o bairro conta com uma escola estadual, três escolas municipais de ensino fundamental, quatro Escolas Municipais de Educação Infantil - EMEI e outras estruturas que visam promover o desenvolvimento social, como o Núcleo de Apoio Integral à Criança e ao Adolescente - NAICA, que oferece oficinas lúdicas, culturais, recreativas, esportivas e artísticas. As atividades do NAICA possibilitam a socialização e o fortalecimento das relações afetivas, com o intuito de estimular o processo socioeducativo das crianças e adolescentes; e o LAR de Amparo e Promoção Humana, instituição subsidiada pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, que funciona como centro de formação dos menores carentes, oferecendo-lhes atividades artísticas, de desenvolvimento sociocultural e aulas de reforço escolar.

Para as atividades de lazer, o bairro conta com o Centro Esportivo Alexandrino Garcia - CESAG, que funciona como centro poli esportivo onde os moradores realizam atividades esportivas e de interação social que, apesar de se localizar no bairro Alvorada, vizinho ao Morumbi, atende amplamente os moradores deste último.

Os moradores do bairro são ainda contemplados por outros projetos sociais como o FICA VIVO, programa desenvolvido pelo governo do estado de Minas Gerais em parceria com a Prefeitura Municipal de Uberlândia, cujo objetivo é atingir jovens de 12 a 24 anos em situação de “risco social” e residentes nas áreas com maior índice de criminalidade; o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência - PROERD, que tem por objetivo prevenir o uso indevido de drogas e combater a violência entre jovens. O PROERD é uma iniciativa da Polícia Militar de Minas Gerais em parceria com as escolas das redes

estadual, municipal e particular de ensino e atende mais especificamente a crianças e adolescentes que estejam cursando os quintos e sétimos anos do Ensino Fundamental, com encontros semanais, ao longo de um semestre letivo. As aulas são ministradas por policiais militares fardados, que ensinam as crianças como reforçar a autoestima, lidar com as tensões, resistir às pressões do ambiente, além de aprimorar o espírito de cidadania. Contando com todos estes programas de assistência social, percebem-se quão grandes são os problemas do bairro. Problemas estes comuns às periferias da cidade de Uberlândia.

Em se tratando de lugares disponíveis para a vivência de momentos de lazer, como praças, salões de eventos, etc., não há no bairro Morumbi qualquer espaço adequado à realização de tais propósitos. Daí, na maioria das vezes, é o espaço da escola que se presta também para outras atividades de lazer e cultura praticadas pela comunidade do bairro Morumbi. O veio religioso também é bastante presente no bairro e as igrejas evangélicas são em maior número e superam os templos de outros segmentos religiosos, como catolicismo, espiritismo, entre outros.

A realidade do bairro Morumbi é a mesma de tantas outras áreas periféricas dos grandes centros, porque o que se constata na cidade de Uberlândia é a visão de

[...] que há um conflito entre duas memórias da cidade. Uma memória construída pelo discurso oficial e uma outra produzida pela historiografia mais recente. O fato é que, encoberta pelo discurso da cidade progressista, ordeira, hospitaliera e de oportunidades iguais a todos, se esconde uma cidade conflituosa, heterogênea e desigual, que não se encontra facilmente nos arquivos oficiais, mas que faz parte das memórias dos cidadãos überlandenses (BRITO; WARPECHOWSKI, 2007, p. 9-10).

Os moradores do bairro Morumbi (visto na Figura 1 em fotografia aérea) são um claro exemplo dessa desigualdade. São parte do grupo que vivencia essa Uberlândia conflituosa, heterogênea e desigual, descrita nas memórias dos cidadãos, porque vivem ainda com a falta de infraestrutura básica tanto física quanto do ponto de vista social; especialmente no que diz respeito ao acesso a serviços que deveriam ser oferecidos pelo poder público, como a educação de qualidade, o bom atendimento à saúde física e emocional do indivíduo, assim como a garantia de proteção e segurança a que todo cidadão tem direito. Haja vista os moradores terem de conviver muito de perto com o problema do tráfico e consumo de drogas, roubos frequentes, homicídios, etc., situações a que as crianças e os adolescentes estão expostos a todo tempo.



Figura 1: Bairro Morumbi, periferia de Uberlândia-MG, com localização da escola.  
Fonte: Google Earth, 2011.

Assim, há que se produzir um novo olhar sobre a história da cidade, dessa gente que vive na periferia. É assim que nos países pobres, nas regiões mais pobres, nos espaços mais pobres das cidades, que a condição periférica se demonstra, de fato, como uma condição de manipulação pelas classes dominantes, pela política dominante, e agora também por uma informação que também é manipuladora.

(...) a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente de novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle. O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada, que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na medida em que chega às pessoas, como também às empresas e instituições hegemônizadas, é, já, o resultado de uma manipulação, tal informação se apresenta como ideologia (SANTOS, 2000, p. 38).

E esta informação muitas vezes funciona como instrumento que age também como opressor das classes sociais que vivem na periferia das cidades. As dificuldades enfrentadas por estas pessoas são as mais diversas, desde a carência material que é percebida pelo primeiro olhar até o abandono emocional de si e dos cuidados que deveriam vir do poder público, passando, inclusive, e mais evidentemente, pela segregação espacial, cuja origem remonta ao próprio aparecimento das classes sociais e das cidades e é o retrato urbano desta discriminação a que está submetida as classes mais pobres da população na maior parte das cidades brasileiras.

É como se a cidade fosse demarcada por “cercas”, “fronteiras imaginárias”, que definem o lugar de cada coisa e de cada um dos moradores. A segregação é muito evidente na desigualdade de tratamento por parte das administrações locais. É interessante observar que ela se impõe de modo a constituir “espaços separados” para cada grupo social. É também sob seu império que se reorganiza o espaço de moradia, muito desigual entre aqueles que são habitados por ricos e pobres na cidade.

A questão da segregação ganha sob este ponto de vista um conteúdo político de conflito: a luta pelo espaço urbano. Para os membros da classe dominante, a proximidade com os espaços pobres representa um “risco permanente”, uma desordem. Por isso a periferia deve ser, no mínimo, evitada (vide a proliferação, em áreas nobres da cidade, dos grandes condomínios fechados). Por outro lado, o próprio processo de segregação acaba por criar a possibilidade de organização de outro tipo de espaço, que resulta da luta e da resistência dos trabalhadores que, de outras maneiras, também se apropriam e usam o espaço da cidade.

Espacialmente, essa realidade se expressa tanto no que tange aos povos com seus territórios, quanto aos espaços segregados nas cidades. É um fenômeno de exclusão que se expressa no espaço de forma muito marcante; seja nos lugares em que as pessoas, despojadas de tudo que lhes seja essencial para ter uma vida digna, vivem em condições humilhantes; seja onde as pessoas, embora vivendo com dignidade, não têm condições de se fazer ouvir, de decidir os seus caminhos. Nessa perspectiva, torna-se interessante investigar qual é a identidade desses lugares, a partir dos interesses das pessoas que ali vivem. Reconhecer os valores, as crenças, as tradições e investigar os significados que têm para as pessoas que vivem ali. A cultura, que dá esse conjunto de características às pessoas e aos povos, se expressa no espaço por meio de marcas que configuram as paisagens (CALLAI, 2005, p. 242-243).

Do ponto de vista político, a segregação é produto e produtora do conflito social. Separa-se porque a mistura é conflituosa e quanto mais separada/fragmentada é a cidade, mais visível é a diferença, mais acirrado poderá ser o confronto. No entanto, é dessa segregação e fragmentação que emergem diferentes reivindicações (CORRÊA, 1990, p. 82), ponto de partida para as almejadas mudanças sociais.

Além disso, a segregação urbana traz inúmeros problemas às cidades. O primeiro é, obviamente, a desigualdade em si. Camadas mais pobres da população, com menos recursos, são justamente as que gastam mais com o transporte diário, que têm mais problemas de saúde por conta da falta de infraestrutura, que são penalizadas por escolas de baixa qualidade, e assim por diante. A própria segregação é não apenas reflexo de uma condição social, mas um fator que contribui para tornar as diferenças ainda mais profundas.

Além do mais, a segregação tende a enfraquecer as relações sociais. O contato com o “diferente” gera a maior intolerância, que fica mais evidente nas relações entre os seres. E isso faz crescer a violência. A segregação espacial aumenta a sensação de desigualdade e pode contribuir para o aumento da violência urbana.

Infelizmente, o estagio atual da globalização está produzindo ainda mais desigualdade. E, ao contrário do que esperava, crescem o desemprego, a pobreza, a fome, a insegurança do cotidiano, no mundo que se fragmenta e onde ampliam as fraturas sociais.

A droga, com sua enorme difusão, constitui um dos grandes flagelos dessa época.

O mundo parece, agora, girar sem destino. É a chamada globalização perversa. [que também produz uma segregação espacial ainda mais perversa] Ela está sendo quanto mais perversa porque as enormes possibilidades oferecidas pelas conquistas científicas e técnicas não estão sendo adequadamente usadas (SANTOS, 2002, p.80).

Assim, o bairro Morumbi, onde realizamos nossas atividades de pesquisa na escola, é mais um exemplo de espaço gerado no contexto de segregação espacial típico das cidades brasileiras.

### 3 ATIVIDADES DE ENSINO DESENVOLVIDAS SOBRE O BAIRRO NAS AULAS DE GEOGRAFIA

No ensino de geografia nas séries iniciais, ainda que existam propostas de estudos que valorizem o lugar e, particularmente, o próprio bairro onde se localiza a escola e o local de residência dos alunos, como prevê e indicam as orientações do programa de ensino do Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz – CEMEPE, instituição da

Prefeitura Municipal de Uberlândia, orientações e materiais didáticos para a realização de tal trabalho quase sempre são inexistentes.

Deste modo, desenvolvemos atividades de ensino que pudessem promover e resgatar conhecimentos dos alunos sobre o bairro que, para a maioria dos educandos, é também o lugar onde moram. Nesse sentido, trabalhamos com imagens que pudessem demonstrar aos alunos, numa sequência cronológica, as transformações espaciais realizadas no bairro (com fotos de 1997 e 2010), com a posterior produção de textos que oportunizasse a reflexão sobre o lugar. Utilizamos ainda imagens de satélite, obtidas da internet no laboratório de informática da escola, para que os estudantes pudessem ter contato com uma outra perspectiva de análise geográfica. Também oportunizamos o trabalho de campo realizado nos arredores da escola; a confecção de croquis dessa área do entorno da escola (comparando e reconhecendo elementos observados nas imagens de satélite e também na atividade de campo); e, por fim, e como forma de reflexão sobre o que fora visto no conjunto das atividades, propusemos uma nova atividade de produção textual.

### **3.1 Análise de fotografias do bairro**

A primeira atividade envolveu a análise de fotos do ano de 1997 do bairro, cuja criação e instalação se dá a partir do ano de 1993, para comparar com as fotografias atuais (ano 2010) dos mesmos locais do bairro, com o propósito de chamar a atenção dos educandos para a presença da geografia nas ações diárias do homem, que culminam na transformação do seu meio social, no seu espaço de vivência.

A geografia tem na leitura (conhecimento e interpretação do espaço geográfico) e na escrita (a representação desse espaço) seus recursos primordiais de trabalho. O espaço geográfico, como uma interação permanente e dinâmica entre a natureza e as ações humanas no seu fazer social, toma concretude em diferentes escalas de análises, do lugar ao global, abrangendo uma gama de situações, multiplicando-se em paisagens. É essa paisagem geográfica – um recorte específico que sintetiza os diversos tempos que traçaram a atual fisionomia do lugar – um foco importante para a compreensão de conceitos geográficos e para a compreensão do mundo (SCHAFFER, 2004, p. 90).

Convidados a fazer a leitura das imagens projetadas em *slides*, o procedimento seguinte foi a observação pelos alunos de fotos antigas expostas num painel montado em sala

de aula, oportunidade em que puderam fazer comparações e observar as transformações ocorridas no lugar.

Enquanto olhavam as imagens, os alunos teciam comentários sobre o reconhecimento ou não desse ou daquele local, e faziam ainda observação sobre as mudanças ocorridas. Nesse sentido, concordamos com Schaffer (2004) quando a autora aponta a importância de trabalharmos com imagens no ensino de geografia:

[...] a leitura da paisagem vem se tornando uma expressão de uso corrente, indicativa de uma tarefa específica e apropriada pela área de geografia no ensino. Tomar a paisagem próxima, concreta, como a escola, a rua, um bairro ou a própria cidade, uma área a ser visitada a certa distância, ou uma imagem de paisagem, como uma foto ou outra representação qualquer, como recurso para aprendizagem, para a aula, é uma prática que acompanha o ensino de geografia desde suas origens escolares (SCHAFFER, 2004, p. 91).

Esta atividade foi inspirada a partir da leitura de Callai (2005), quando a autora afirma que

[...] fazer a leitura da paisagem pode ser uma forma interessante de desvendar a história do espaço considerado [...] a história das pessoas que ali vivem. O que a paisagem mostra é o resultado do que aconteceu ali. [...] Descrever e analisar estas paisagens supõe [...] buscar as explicações que tal “retrato” nos permite. Os objetos, as construções, expressos nas ruas, nos prédios, nas praças, nos monumentos, podem ser frios e objetivos, porém a história deles é cheia de tensão, de sons, de luzes, de odores, e de sentimentos (CALLAI, 2005, p. 238).

Muito positivo foi notar a motivação e o interesse dos alunos ao propor-lhes atividades que envolveram situações próprias do seu lugar, situações do seu cotidiano, com imagens que retratavam as ruas sem pavimentação ou rede de esgoto, sem arborização ou calçamento, como eram em 1997, e como estas mesmas ruas se encontram atualmente (2010), totalmente modificadas; assim como a maneira como era tratado o lixo, que ficava exposto por todo o bairro, e hoje é recolhido; entre tantas outras situações. Percebemos que as crianças teciam comentários entusiasmados sobre as transformações ocorridas nos lugares que conhecem, que lhes são familiares, mesmo que, até hoje, várias problemas continuem a existir no bairro.

### **3.2 “Minha vida no bairro Morumbi”**

A segunda atividade visou a produção de textos - especificamente, uma redação cujo título deveria ser “*Minha vida no bairro Morumbi*”. Com a finalidade de complementação do estudo da geografia que tem na leitura e na escrita instrumentos que se complementam. Esta atividade oportuniza ao aluno se expressar, expor suas ideias, crenças, valores e expectativas como cidadão e potencial agente modificador do seu lugar. Tarefa que não é simples, mas que pode ser prazerosa, visto que colabora para a formação de pessoas mais atentas à compreensão do mundo e do lugar.

Em um dos textos analisados observo que a aluna relata seu cotidiano. Ela começa a narrativa falando da sua relação com os vizinhos, que são seus colegas. Por isso foi possível perceber que este é o contexto mais importante para si, pois é na relação com os vizinhos e colegas que ela se envolve, com mais interesse, com o bairro.

O relato da aluna nos ajuda a entender como é sua relação com a vizinhança, apesar de viver numa cidade de médio porte, onde, por vezes, já não mais cultivamos os hábitos de nos relacionarmos com nossos vizinhos. Percebemos, pelo que a aluna informa em seu texto, que em bairros periféricos como o Morumbi, ainda existe lugar para a proximidade e o convívio com os outros, permanecem as relações de amizade, de solidariedade e até de intimidade e dependência.

A aluna ainda relata sua rotina escolar, no entanto, não se percebe na sua escrita muito comprometimento com este lado da sua vida. Parece-nos que a estudante já “traz pronto”, de alguma forma, um discurso do “gostar da escola, fazer deveres de casa e gostar das professoras”, etc...

Pudemos perceber ainda maior sinceridade na sua fala ao se referir à sua relação com os colegas e o seu desejo de se divertir, como ir ao clube com o pai, por exemplo. A filha convida o pai para acompanhá-la ao clube (CESAG,) nos fins de semana, no bairro vizinho (Alvorada), porém não pode contar com a companhia paterna, pois seu pai se queixa de cansaço, por causa do excesso de trabalho semanal, por isso não a acompanha nos momentos de lazer, questão esta muito significativa para ela. A nossa narradora descreve sua relação com os pais, como sendo caracterizada por uma vivência muito distante, pois não há no seu relato qualquer menção sobre a proximidade do pai ou da mãe na sua rotina diária; muito pelo contrário, é dela a responsabilidade de cuidar do irmão menor. Ou seja, no contexto dos bairros periféricos, é comum o cuidado dos irmãos

menores ser tarefa realizada também por crianças, os irmãos mais velhos, resultado da atividade de trabalho dos pais (ausentes em boa parte do dia).

Percebe-se, por estes exemplos, que a presença dos pais no desenvolvimento das crianças, na maioria das vezes não é suficiente, ou melhor, não atinge sequer o mínimo desejável, para acompanhar seu crescimento. Nota-se ainda que, infelizmente, esta “ausência” dos pais na vida da pequena escritora, é uma constante e é tema tratado quase que como algo natural e imutável. E as consequências advindas deste distanciamento promoverão marcas indeléveis no desenvolvimento desta criança.

Ainda avaliando esta mesma atividade de produção de textos sobre o tema “Minha vida no Bairro Morumbi”, reconhecemos, na produção de outra aluna, que a mesma começa sua narrativa falando da vida em família, no diálogo com a mãe como numa situação de “contação de histórias” sobre o lugar onde nasceu e onde vive, e sobre a vida do lugar antes mesmo do casamento de seus pais. A narrativa deixa claro que o desenvolvimento desta criança, no lugar onde vive, foi todo permeado pela presença integral da família. A partir desta introdução pode-se perceber que a proximidade desta família é maior que o exemplo do texto anterior, que o “nicho” afetivo é evidente. Tanto é que a narradora encerra o seu texto afirmando que o bairro é “o seu lar”. É muito importante que as crianças se desenvolvam emocional, psicológica e afetivamente com esta ideia do significado de lar, como situação de “aconchego” e “amparo”.

O bairro, a parte da cidade que não pode ser entendida a não ser no seu interior, é um dos lugares que está mais próximo do aluno, no qual ele convive com outras pessoas. Esse é um espaço que ele pode percorrer por completo e que tem grande significado para a sua vida, inclusive do ponto de vista da afetividade. [...] Cada um dos bairros representa a história da vida das pessoas, dos grupos que o formaram e que vivem naquele lugar (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 129).

### **3.3 Observação de imagens de satélite e confecção de croquis**

Na terceira atividade, a qual pode ser subdividida em duas partes, propomos, primeiramente, a observação do bairro e da área no entorno da escola a partir das imagens de satélite através do programa *Google Earth*. Este trabalho foi realizado no laboratório de informática, onde os alunos acessaram o programa para localizar a cidade de Uberlândia, o bairro Morumbi e finalmente a escola em que estudam, assim como alguns outros pontos

importantes do bairro, como igrejas, comércio, algumas de suas residências e até outras escolas. Os alunos utilizaram também de recursos do programa – como a ferramenta “réguas”, para calcular distâncias entre diferentes pontos.

Durante o trabalho, foi importante observar que todos os alunos envolveram-se com as atividades propostas, entusiasmados ao perceber que ali, à sua frente, na tela do computador, estavam retratados aspectos da sua realidade mais direta - suas casas, o seu bairro, a sua escola. Eles viam ali as imagens que lhes eram familiares, e percebiam que as mesmas imagens que eles conhecem podem ser vistas no mundo inteiro. Assim, percebe-se, então, que a criança se sente parte de um meio social mais amplo, que seus horizontes se ampliam.

Para esta leitura a valorização da experiência vivida e a busca a várias fontes instigadoras discutidas de forma problematizadora, e que representem desafios reflexivos para o estudo de um tema, acompanham os textos particulares da geografia: o estudo do lugar (do bairro, cidade) [...] . O recurso à multiplicidade de fontes, entre as quais incluem-se as inovações tecnológicas mais recentes vinculadas à informatização da sociedade (como as fotos aéreas, as imagens de satélites, a busca em rede [...] instigam a curiosidade e a criatividade e voltam-se a estabelecer a autonomia do pensar e do fazer. Ler a paisagem, o mapa, o livro... Escrever nas linguagens da geografia (SCHAFFER, 2004, p. 90).

Na segunda parte da terceira atividade, os alunos saíram a campo, no entorno da escola, munidos das imagens de satélite coloridas (*Google Earth*) e impressas na escola para identificar os locais retratados, enquanto faziam as anotações necessárias.

Do ponto de vista da geografia, esta é a perspectiva para se estudar o espaço: olhando em volta, percebendo o que existe, sabendo analisar as paisagens como o momento instantâneo de uma história que vai acontecendo (CALLAI, 2005, p. 235).

No trabalho de campo os alunos assinalavam nas imagens, que cada um tinha em mãos, os lugares identificados previamente no computador, como a escola, o posto de saúde, igrejas, comércios, estacionamentos, instituição de atendimento à saúde, nome de ruas, e outros tantos. Nesta situação os alunos direcionaram um olhar novo e mais interessado do que aquele habitual e indiferente de antes, repensavam as construções e a rua por onde passam todos os dias.

A rua é lugar de trânsito, de circulação, de passagem, para se chegar a outros lugares. A rua está carregada de história das vidas das pessoas que ali circulam. O tempo acumulado produz marcas, mostra suas origens. As ruas revelam o passado, o presente, e permitem, inclusive, que se vislumbre o futuro. Como trabalhar tudo isso? Olhando rua, observando o que aparece, descrevendo-a, estabelecendo correlações, analogias com outros tempos e com outros lugares (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 127)

Nesse sentido, e pela experiência que realizamos, reconhecemos que o desenvolvimento de atividades como as que foram feitas no trabalho de campo, oportunizam a construção de conhecimentos que muito dificilmente poderiam ser pensados ou problematizados dentro da sala de aula. O trabalho de campo, mesmo que em espaços já muito frequentados pelos alunos, mas que agora lhes direciona um olhar “investigativo”, permite também relacionarmos conteúdos trabalhados em textos, diretamente na paisagem observada.

O trabalho de campo e a pesquisa bibliográfica variada são instrumentos interessantes de leitura e escrita para o ensino da geografia. O trabalho de campo demanda não só observação, mas escreve/ler roteiros dos espaços pesquisados, dos elementos a observar, das perguntas a serem feitas, bem como do confronto que foi visto na sala de aula (REICHWALD JR., 2004, p.71-72).

Durante o percurso e ao se encontrarem com pessoas conhecidas, os alunos sentiam-se muito orgulhosos do trabalho que realizavam no momento, tentavam chamar a atenção dos conhecidos para as imagens que traziam consigo e que eram utilizadas na identificação dos lugares. Após todo este processo os alunos envolveram-se na produção de um croqui da área percorrida (Figura 2), objetivando representar, de forma simples, o espaço no entorno da escola. Na criação desses croquis os alunos esbanjaram criatividade e, inclusive, na confecção da legenda, alguns usaram números para identificar os locais, outros fizeram uso das mais variadas cores.

Tal atividade de certo modo já fora bastante divulgada em propostas didáticas para o ensino de geografia, tal como apontam Almeida e Passini (2010). Assim, o procedimento, por exemplo, de explorar informações cartográficas sobre o quarteirão da escola, bem como a realização de trabalho de campo nas proximidades da escola, oportunizando o que normalmente é chamado de “estudo do meio”, visando explorar os diferentes tipos de usos

dos prédios, os nomes das ruas, etc., seguido de uma representação com legenda, também são propostas divulgadas por essas autoras.

Os alunos envolveram-se com entusiasmos no trabalho de campo ao constatar que o ambiente que lhes é familiar é visualizado pelo satélite, e pode ser visto pela internet. Mostraram-se ainda mais empolgados ao manusear, muitas vezes girando a imagem para posicioná-la de acordo com o percurso realizado. Na confecção dos croquis (Figura 2) os alunos comparavam e discutiam o que foi observado na imagem de satélite e a partir de suas próprias observações de campo no entorno da escola.

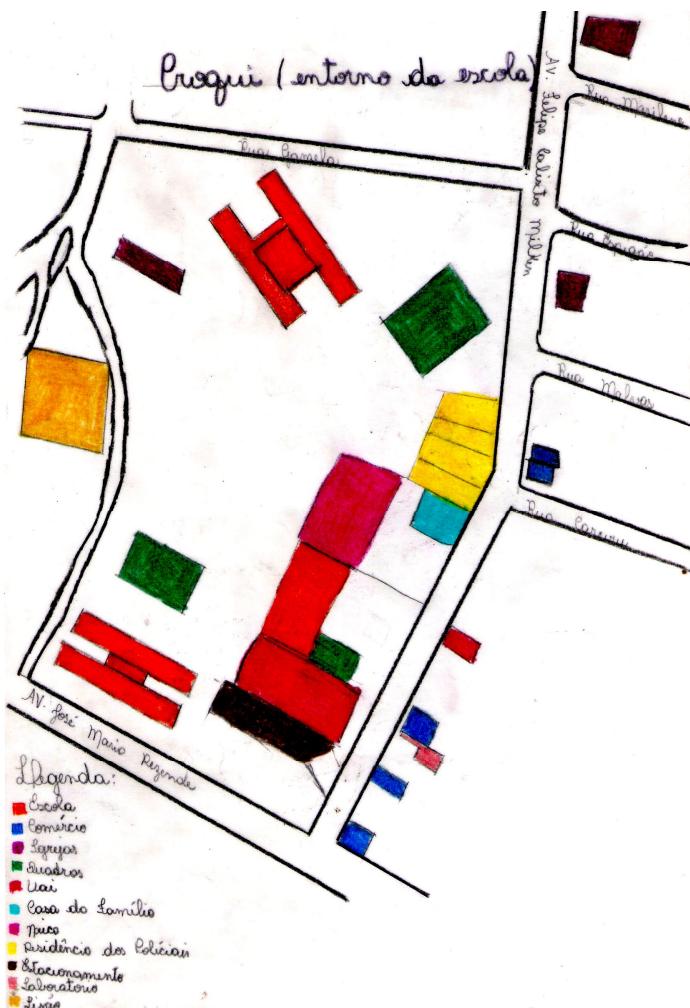


Figura 2: Croqui do entorno da Escola produzido a partir de imagem de satélite e trabalho de campo. Produção de uma aluna do 5º ano.

De certo modo, reconhecemos que o entusiasmo dos alunos está diretamente relacionado à própria situação (tão pouco praticada) de realização de trabalho de campo, ou seja, um trabalho externo à sala de aula e à escola, bem como a tarefa direta de um

exercício de representação do espaço em que estão acostumados a frequentar, ou seja, do espaço de suas vidas. Tal prática difere muito dos procedimentos comuns de trabalho com mapas, porque, nesta atividade, foram os próprios alunos que “cartografaram” o entorno da escola.

### **3.4 Produzindo uma “Carta ao prefeito”**

Finalizando a proposta de pesquisa, desenvolvemos uma quarta atividade, quando sugerimos aos alunos a escrita de uma carta ao prefeito do Município de Uberlândia, na qual deveriam apresentar os problemas existentes no bairro e reivindicar as soluções que fossem da alcada do poder público municipal.

Os alunos se apoiaram nos trabalhos anteriormente realizados para tomar conhecimento dos problemas existentes e formar ideias próprias sobre as informações que receberam e analisaram, às quais atribuíram um significado ao mesmo tempo pessoal e social.

Saber tomar decisões, interpretar e entender informações, ter espírito investigativo, saber trabalhar coletivamente, interferindo criticamente na realidade, transformando-a e preparando-se para a prática cidadã, são algumas questões que nortearam este trabalho. Conforme aponta Callai:

Por meio da geografia, nas aulas dos anos iniciais do ensino fundamental, podemos encontrar uma maneira interessante de conhecer o mundo, de nos reconhecermos como cidadãos e de sermos agentes atuantes na construção do espaço em que vivemos. E os nossos alunos precisam aprender a fazer as análises geográficas. E conhecer o seu mundo, o lugar em que vivem, para poder compreender o que são os processos de exclusão social e a seleitividade dos espaços (CALLAI, 2005, p. 245).

Fica claro o papel da geografia e sua contribuição para a formação de um aluno que se pretende um sujeito crítico, visando desenvolver uma reflexão de maneira que aprenda a construir e reconstruir conceitos e atitudes para resolver problemas, dilemas e circunstâncias da realidade.

A intenção é promover o desenvolvimento integral do educando, que se prepara para ser sujeito de sua história, praticando o respeito consigo mesmo e com o outro, para intervir criticamente na realidade e transformá-la. Com todos os problemas existentes nas

periferias e nas escolas que se encontram nelas localizadas (e apesar de todos estes problemas), esse aluno que reconhece e comprehende minimamente os problemas de ordem geográfica, sobretudo as desigualdades socioespaciais, é potencialmente um cidadão engajado na luta pela justiça social, pela solidariedade e para o exercício da cidadania compromissada com o bem comum, em ações que abrangem as questões ligadas à violência, ao meio ambiente e às diferentes formas de exclusão, ou seja, os alunos podem acreditar que existem outras possibilidades, um futuro diferente, onde o espaço do seu bairro, da sua cidade e mesmo do país possa ser construído de modo mais justo.

A orientação aos alunos foi para que antes de iniciar a escrita seria necessário que fizessem um levantamento, conforme as sugestões abaixo:

- a) Veja se há algum problema que você gostaria de ver resolvido.
- b) O que a prefeitura poderia fazer para melhorar o lugar onde você vive?
- c) Escreva uma carta para o prefeito de nossa cidade dizendo quais são os problemas que há no seu bairro.
- d) Peça providências para a solução desses problemas.

As produções textuais foram extremamente criativas. Os alunos mostraram, de modo geral, comprometimento e responsabilidade nas suas atitudes e no seu posicionamento crítico e reivindicador, chamando a atenção para os problemas sociais e ambientais do bairro, e cobrando soluções ao poder público. Dentre as principais reivindicações, aparece (como não poderia deixar de ser) a cobrança pela instalação de áreas de lazer e praças (inexistentes no bairro), mas também produções onde há lugar para preocupações com violência, drogas e até mesmo a geração de emprego.

Esta situação mostra que quando o aluno é estimulado a perceber e compreender os problemas do seu próprio espaço de vivência, seu posicionamento crítico sobre as questões que diretamente lhe atingem é claramente percebido. Portanto, é ilusão pensar que as crianças e jovens que habitam os espaços periféricos das cidades brasileiras são “cidadãos inertes”. Pelo contrário, é na periferia que as situações de tomada de consciência dos

problemas sociais (escancarados no próprio meio geográfico) são a todo momento oportunizadas. Reconhecê-las, valorizá-las e trabalhá-las em sala de aula é tarefa da escola e do professor comprometidos com a transformação social.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia que originou este trabalho é a de que o estudo da geografia pode, ao mesmo tempo, realizar-se de modo prático e reflexivo e tem sentido para o educando como sujeito potencialmente promotor de mudanças em sua vida e no seu meio social.

A intensão foi partir dos contextos do próprio lugar (visto aqui a partir do bairro) para a compreensão de problemas sociais que, de fato, não são só do bairro Morumbi, ou mesmo apenas da cidade de Uberlândia, bem como mostrar ao aluno que ele é um sujeito capaz de promover, de acordo com o seu interesse e envolvimento, mudanças na sua história e no seu espaço de vivência e que este espaço pode ser definido desde a sua percepção inicial de vida com o apoio e na presença das pessoas que com ele convivem.

Como é de praxe, todo trabalho que envolve outras pessoas, assim como as relações interpessoais, este também exigiu flexibilidade de comportamento, planejamento e abertura de espaço para novas sugestões, críticas e outras opiniões. Este trabalho foi desenvolvido com a efetiva participação dos alunos na leitura de imagens, produção de textos e reconhecimento do espaço anteriormente visualizado; não sem antes observarem e analisarem as imagens (fotografias, “do antes e depois”) que ilustram a mudança e transformações que se processam em seu meio próximo, no local onde vivem e estudam.

Vendo imagens de treze anos atrás e comparando com as atuais, os alunos puderam fazer observações espantosas, porque presenciaram, naquele momento, muitas mudanças que ocorreram no seu espaço cotidiano. E mais, mostraram-se admirados ao tomar conhecimento de que as transformações, assim como todas as mudanças percebidas, são frutos da ação direta da sociedade.

Este cidadão é aquele que consegue ter uma visão ampla e perspicaz dos problemas do seu lugar, do seu bairro. E mostra conhecimento sobre seus deveres e direitos. Então, frente a esta clareza, ele se posiciona e se manifesta, cooperando e trabalhando para a melhoria do seu lugar. Este sujeito poderá envolver-se nas questões políticas e potencialmente terá maiores condições de perceber os aspectos econômicos e culturais do mundo em que vive. Ele poderá cobrar dos administradores a responsabilidade de cada setor na realização de obras que tornem aquele lugar um espaço digno dos que ali habitam.

O contato com aquelas imagens possibilitou ao aluno a comparação e a análise das transformações que são percebidas e estudadas pela geografia. Daí a importância de se perceber a geografia como disciplina que analisa, investiga e estuda o espaço geográfico, em todas as suas dimensões.

O trabalho propôs que o estudo da geografia buscasse, na medida do possível, e considerando uma série de limitações, o máximo desenvolvimento do aluno, visando propiciar a formação de um cidadão comprometido com o desenvolvimento e melhoria do seu bairro. Porque o estudo da geografia é muito mais do que localizar e descrever, significa poder situar-se no mundo e posicionar-se criticamente em relação às tantas problemáticas socioespaciais.

Após a análise daquelas imagens, os alunos foram convidados a produzir textos cujo título, previamente definido “Minha vida no bairro Morumbi” pedia-lhes que falassem sobre suas vivências no seu bairro. A leitura desses textos possibilitou-nos conhecer um pouco mais da visão dos alunos do seu bairro, suas perspectivas e expectativas e qual a visão que eles têm do seu mundo próximo. Foi possível perceber que seus posicionamentos são expressivos, e mostra que eles já percebem que podem promover mudanças e agir para que ocorram melhorias no lugar e em suas condições de vida.

Seus textos mostraram que há muitos problemas de carência (o que inclui também, e muitas vezes, mais uma carência afetiva do que material); carência do poder público no seu lugar, na sua “casa social”. Pode-se observar em seus textos as marcas do inconformismo com as desigualdades, quando eles fazem comparações do seu bairro com alguns bairros centrais da cidade. As falas/escritas dos alunos sugerem propostas que rompem com a inércia e com as demagogias políticas tão comuns na nossa sociedade.

Por fim, cremos que como objeto de ação e transformação, a geografia no contexto de sala de aula, pode prover ao aluno condições de ler o mundo com outro olhar, e reescrever este mundo com outras letras, com sugestões de mudanças e rompimentos com o escândalo da desigualdade, da imensa e inquietante desigualdade social.

A partir de uma visão do seu próprio lugar e do seu próprio cotidiano (casa, família, escola e bairro), que, no entanto, não se restringe apenas a este meio próximo (pois oportuniza a todo tempo pensarmos questões sobre a cidade, o país, o mundo), este aluno sabe o que quer e o que precisa; neste momento pode posicionar-se oralmente ou por escrito contra as injustiças que imperam, contra a apatia e o conformismo que o rodeiam e então, ele pode pensar como na letra d’Os Titãs,

A gente quer comida

Diversão e arte

...

A gente quer saída

Para qualquer parte...

...

A gente quer bebida

Diversão, balé

...

A gente quer inteiro

E não pela metade...

(Comida. Arnaldo Antunes, Sérgio Brito e Marcelo Fromer)

## THE PLACE AND THE NEIGHBORHOOD IN GEOGRAPHY SCHOOL: REFLECTING ABOUT TEACHING SITUATIONS IN A PERIPHERY SCHOOL IN UBELÂNDIA-MG (BRAZIL)

### ABSTRACT

This paper is a case study and to evaluate the development of research conducted with students in early grades of elementary school, from a study where they live, the Morumbi district in Uberlândia. A critical view of the process of spatial segregation permeated much of study and allowed students to understand the processes that result in situations of social inequality present in geographical context closer (your neighborhood). In the course of the studies were focused on some practical examples of work done with students in a class of fifth grade of elementary school, by analyzing images of the place for observations and comparisons, seeking to build knowledge on their social context. The work done - observation of photographs of the neighborhood in a chronological perspective, production of written reflections, observations of satellite imagery, field work around the school, production sketches, aimed at assisting students in reading and writing in geography, including this course as a means to nurture the understanding of actions and transformation of geographical space.

**Keywords:** School Geography. Elementary School. Place. Social transformation.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela D. de; PASSINI, Elza Y. **O Espaço Geográfico**: Ensino e Representação. Contexto: São Paulo, 2010. (1.a ed. 1989).

BRITO, Diogo de Souza; WARPECHOWSKI, Eduardo Moraes (org.). **Uberlândia Revisitada**: Memória, Cultura e Sociedade. Uberlândia: EDUFU, 2007.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, Educação geográfica e as teorias de aprendizagens, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.); CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Editora Mediação: Porto Alegre, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. 3ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1990.

KAERCHER, Nestor André. Ler e escrever a Geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et. al.* (org.) **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 6ª edição. Porto Alegre: Editora UFGRS, 2004. p. 73-85.

PEZZATO, João Pedro; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Panorama, Concepções e Questionamentos sobre a Alfabetização no Brasil. **Educação**: Teoria e prática, Rio Claro, v. 13, n. 24/25, p. 39-51, 2005.

ESCOLA MUNICIPAL HILDA LEÃO CARNEIRO. **Projeto político pedagógico (PPP)**. Secretaria Municipal de Ensino, Uberlândia-MG, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. **Prefeitura Municipal de Uberlândia**. Sítio na Internet: <http://www.uberlandia.mg.gov.br>. Acesso em novembro de 2010.

REICHWALD JUNIOR, Guilherme. Leitura e escrita na Geografia ontem e hoje. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et. al.* (org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 6ª edição. Porto Alegre: Editora da UFGRS, 2004. p.67-72.

SANTOS, Milton. **O país distorcido**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (Prefeitura Municipal de Uberlândia). **Secretaria Municipal de Educação**. Página na Internet:  
[http://www5.uberlandia.mg.gov.br/pmueduca/ecp/comunidade.do?app=cemepe\\_pmu](http://www5.uberlandia.mg.gov.br/pmueduca/ecp/comunidade.do?app=cemepe_pmu). Acesso em abril de 2011.

SCHAFFER, Neiva Otero. Ler a paisagem, o mapa, o livro... Escrever nas linguagens da Geografia. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et. al. (org). **Ler e escrever:** compromisso de todas as áreas. 6<sup>a</sup> edição. Porto Alegre: Editora da UFGRS, 2004, p. 86-103.

Artigo recebido para avaliação em 24/11/11 e aceito em 20/12/11 para publicação.